

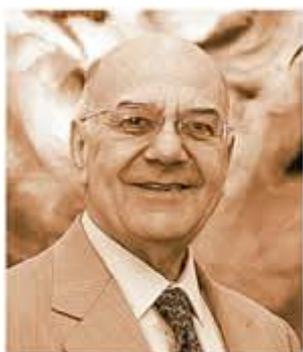
## Câmbio trava a indústria

---

2007 . Ano 4 . Edição 32 - 7/3/2007

*"Só há uma forma de o governo não mexer no câmbio: é lançar uma política industrial para utilizar a 'montanha' de dólares estocados no BC no setor produtivo da economia"*

### Miguel Ignatios



Após quatro anos de "céu de brigadeiro" na economia, eis que surgem, no horizonte, nuvens escuras, que poderão causar turbulências na travessia de 2007. Trata-se do câmbio, ou, como preferem alguns, da valorização do real frente ao dólar e de seus efeitos sobre o setor industrial. Por enquanto, analistas abordam o tema com cautela. Alguns acham que o real não estaria assim tão valorizado. Para outros, o problema seria o dólar, muito desvalorizado, e não o real. Talvez ambas as correntes estejam certas, mas apenas em parte.

O importante é que, de uma forma ou de outra, tal fenômeno não é recente e continuará por um bom tempo sendo uma espécie de contraponto negativo ao "mar de rosas" idealizado por estrategistas do Planalto. Em outras palavras, mais depressa do que imagina, o governo terá de deixar de lado a agenda política (definição de alianças na Câmara e no Senado, reforma ministerial etc.) para dedicar-se, com afinco e seriedade, à questão do câmbio.

O problema sempre reaparece na mídia quando o dólar cai para a faixa de 2,10 reais, mas é abordado como se fosse uma disputa pessoal entre o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles. Ou então como uma briga por espaço entre desenvolvimentistas e monetaristas.

Da mesma forma que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso teve de desvalorizar o real, em janeiro de 1999, no início de sua segunda gestão, em algum momento do segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva o governo terá de enfrentar tal desafio.

Vamos analisar rapidamente os fatores responsáveis pela alta da nossa moeda. Em primeiro lugar, no período 2003-2006, soja, açúcar, café, carne bovina e frango, entre outras mercadorias agrícolas de exportação, valorizaram-se bastante, principalmente devido às elevadas taxas de crescimento das economias de China, Índia e Rússia, grandes consumidoras desses produtos.

Em 2006, a quantidade de commodities agrícolas de exportação embarcada para o exterior elevou-se apenas 3% em relação a 2005, menos da metade da taxa de crescimento do comércio internacional registrada no ano passado. Apesar disso, e do aumento das importações, o superávit na balança comercial foi superior a 45 bilhões de reais.

As perspectivas para 2007 são de que os preços de tais mercadorias subam ainda mais, puxados pelo consumo maior de etanol, que passará a ser misturado à gasolina

consumida nos Estados Unidos e na União Européia. Além disso, China e Índia, pelo menos, deverão crescer bem acima da média dos demais emergentes, o que significa mais exportações brasileiras de soja, açúcar, café, frango e de carnes bovina e suína.

Por último, mas não menos importante, continua inalterada a política do BC de reduzir lentamente as taxas básicas de juro. Isso tem atraído para cá uma "enxurrada" de dólares do exterior, em busca da remuneração elevada, que é paga, por exemplo, pelos títulos da dívida pública.

Só há uma forma de o governo não mexer no câmbio: é lançar uma política industrial para utilizar a "montanha" de dólares estocados no BC no setor produtivo da economia. Trata-se daquela mesma política que, timidamente, o governo fez "vazar" para a mídia, em 2004, baseada na substituição seletiva de importações de máquinas e equipamentos, na produção de fármacos e de chips.

Financiar via Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) importações necessárias para a implantação e o fortalecimento desses setores é a primeira coisa a fazer. Depois disso, o governo poderia apoiar, por meio da criação de linhas de crédito para importações seletivas, os setores que vêm perdendo terreno para concorrentes de fora: calçados, têxteis, móveis e brinquedos, entre outros.

Isso é urgente e necessário. Até porque se as negociações entre Estados Unidos, União Européia e Grupo dos 20 avançarem no âmbito da Rodada de Doha, muitos outros setores industriais ficarão expostos à concorrência de similares americanos e europeus. Seria uma compensação mais do que justa enquanto as reformas não forem aprovadas. Agora, há recursos. E em dólares!

---

**Miguel Ignatios** é presidente da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB)

Copyright © 2007 - DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO

É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação sem autorização.  
Revista Desafios do Desenvolvimento - SBS, Quadra 01, Edifício BNDES, sala 1515 - Brasília - DF - Fone: (61) 2026-5334